

## A POESIA EM DUCROT<sup>1</sup>

Adilson Ventura da SILVA

**RESUMO:** Neste trabalho buscamos entender a separação feita por O. Ducrot, em sua teoria sobre a argumentação na língua, entre a poesia e a argumentação. Partindo da hipótese de que, para ele, esta separação está posta na maneira como o discurso se apresenta frente à relação da língua com a enunciação, apresentamos o modo como ele pensa a poesia em dois textos ducrotianos. Depois, analisamos a palavra poesia nestes mesmos dois textos ducrotianos, sob a perspectiva da Semântica do Acontecimento e, por último, debatemos o modo como a poesia se relaciona com as noções de língua, enunciação, frase e enunciado, texto e discurso. Após percorrer este percurso, apresentamos os resultados a que chegamos.

**ABSTRACT:** In this research, we seek to understand the division made by O. Ducrot in his theory on the language's argument, between poetry and argument. Starting from the hypothesis that, for him, the division resides in the way the speech presents itself when it comes to the relationship of language and enunciation, we present the way as he thinks the poetry about two ducrotian texts. Then, we analyze the word "poetry" in two ducrotian texts, under the perspective of the Happening Semantics and, last, we debate the way poetry connects with the language's notions, enunciation, phrase and enunciation, text and speech. After going through that whole path, we present the results we got.

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir uma questão interessante na teoria de O. Ducrot: a da relação existente entre a sua teoria da argumentação na língua, e o lugar específico que a poesia ocupa em seu pensamento.

A pergunta central deste trabalho surgiu através do estudo da obra do professor O. Ducrot, um importante lingüista francês que tem uma ligação estreita com a Unicamp, pois ele lecionou no Departamento de Lingüística do IFCH e no IEL, na década de 70. Ele, juntamente com Anscombe, produziu vários estudos semânticos sobre a argumentação, fundando a Semântica Argumentativa. Nestes estudos, eles chegam à hipótese de que a argumentação está marcada na língua, por causa de estudos de palavras como *mas*, *entretanto*, *também*, *pouco*, *um pouco*, *etc.* Eles resumem estas pesquisas através do slogan: **A Argumentação está na Língua.**

E, ao entrar em contato com a teoria de Ducrot, verificamos o interesse dele pela poesia, principalmente pelo teatro clássico francês. Isto se dá pela utilização constante de trechos de poemas para auxiliar na demonstração de suas teorias. Mas, ao confrontar a sua teoria sobre a argumentação na língua com a poesia, Ducrot verifica o caráter não poético da argumentação: “*o que é um outro aspecto da banalidade, do caráter fundamentalmente anti-poético da argumentação*” (Ducrot, 1989, p.25); “*La*

---

<sup>1</sup> Dissertação defendida em dezembro de 2006 no programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), sob a orientação do prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães.

*argumentación tal como la describo es totalmente contraria a la poesía*” (Ducrot, 1990,p.103). Assim, ao colocar a poesia em um lugar diferente da argumentação e, conseqüentemente, da língua, uma questão nos é posta: o que é a poesia para Ducrot? Para responder a esta pergunta, neste artigo, vamos discutir, em um primeiro instante, como Ducrot apresenta o que é um texto poético e de que modo esta noção se relaciona com a noção de argumentação. Tal discussão se fará da perspectiva da História das Idéias Lingüísticas. Ao lado disso, utilizaremos uma teoria não-ducrotiana para discutir o modo como a poesia aparece nos textos ducrotianos, o que, de certo modo, pode nos indicar o que é a poesia em Ducrot. Desse modo, iremos desenvolver uma análise da palavra poesia presente em dois textos específicos: “Argumentação e ‘Topoi’ Argumentativo” (Ducrot, 1989) e “Polifonia y Argumentacion” (Ducrot, 1990). Após a realização dessas duas análises sobre a poesia nos textos ducrotianos feitas com dispositivos de análise diferentes, relacionaremos as conclusões a que chegamos, considerando a hipótese de que essas duas análises atingirão o mesmo ponto final. Depois de analisar como a poesia é tratada por Ducrot, iremos promover uma discussão sobre língua, enunciação, frase e enunciado, texto e discurso e, dentro desta discussão, verificar de que modo a poesia se relaciona com estas noções. Assim poderemos apresentar as conclusões a que chegamos neste trabalho.

### **1.1. Conceito ducrotiano de poesia**

Começamos a nossa discussão apresentando uma observação que se mostra decisiva para os nossos estudos. Em muitos de seus textos, Ducrot utiliza constantemente, como já dissemos, exemplos retirados de poemas para auxiliar na demonstração de suas teorias lingüísticas. Mas, apesar disso, somente no texto “Polifonia y Argumentacion” (Ducrot, 1990) é que ele faz uma referência direta ao seu modo de pensar a poesia. E esta referência se dá exatamente no momento em que ele introduz a noção de topos, que são princípios argumentativos que colocam os argumentos em uma relação e, ao mesmo tempo, coloca a poesia em um lugar diferente do lugar em que é posta a argumentação, ou seja, fora da língua. Esta separação acontece, segundo Ducrot, a partir de duas características do topos, que são a universalidade e a generalidade. Através destas características, um enunciado argumentativo é colocado como sendo a reprodução de uma crença geral e objetiva “asimilar la situación, el estado de cosas, del que hablo a muchas otras situaciones.” (Ducrot, 1990, p.105). Ou seja, o enunciado necessita apresentar pontos de vista que, de certa forma, possam ser utilizados outras vezes, em outras situações.

Com relação à poesia, o que ocorre, para Ducrot, é bem distinto do que ocorre com a argumentação. Para ele, “la poesía es un esfuerzo por expresar puntos de vista personales presentados como personales; por lo tanto el poeta en mi opinión busca expresar sentimientos con la pretensión de presentarlos como únicamente suyos” (idem, p.103). Deste modo, enquanto a argumentação procura ser o mais geral possível, a poesia possui um outro estatuto, em que pretende se mostrar o menos geral possível ou, dito de outro modo, o locutor procura, através da poesia, apresentar pontos de vista exclusivos seus, e que não podem ser usados em outras situações, por outros locutores. Assim, podemos perceber que Ducrot separa a poesia da argumentação devido ao fato

de que nesta o locutor responsável pelo enunciado convoca diferentes pontos de vista para a constituição do enunciado.

Por outro lado, para Ducrot um poema pode ser argumentativo, lembremos aqui o uso que ele faz de enunciados de poemas como exemplos para seus estudos de argumentação. Ou seja, um poema pode ser, ao mesmo tempo, argumentativo e poético, mas estes são dois aspectos que devem ser tratados separadamente. Dito de outro modo, notamos que existe uma diferença quanto à natureza da poesia e do poema. Deste modo, levantamos a hipótese de que, para Ducrot, enquanto a argumentação está na língua, o poema se refere ao discurso, ou seja, o poema é um tipo de discurso. Assim, o poema, por se referir ao discurso, pode ter, em seus enunciados, os dois aspectos, de poeticidade e de argumentatividade. A argumentação está marcada na própria língua, ou seja, a própria língua fornece os morfemas com valor argumentativo, que indicam a orientação argumentativa de um enunciado. Quanto à poeticidade, Ducrot não aponta claramente o lugar que ela ocupa. Desta maneira, percebemos que, para avançarmos em nossa discussão, necessitamos utilizar uma teoria diferente da ducrotiana, isto porque, de certo modo, a teoria ducrotiana não propõe hipóteses satisfatórias a essa questão que é colocada por ela mesma. Assim, tanto para avançarmos em nossa discussão, como para verificar a nossa hipótese de que o poema é um tipo de discurso, vamos nos situar na perspectiva da Semântica do Acontecimento e analisar a palavra *poesia* em alguns textos de Ducrot.

## 2. ESTUDO DA PALAVRA POESIA

Para apresentar como Ducrot pensa a poesia através de um método diferente do que utilizamos no item 1, nos situaremos na perspectiva da Semântica do Acontecimento em que a enunciação é o lugar privilegiado para que se possa analisar o sentido da linguagem, ou seja, o estudo do sentido deve se localizar no acontecimento do dizer. Mas para que isto ocorra dentro do ponto de vista de uma semântica lingüística, o enunciado é posto como o lugar para se observar o sentido. Ou seja, “saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado.” (Guimarães, 2002, p.7). E devemos levar em consideração que o enunciado é um enunciado de um texto. Assim, a palavra que analisamos nos interessa na medida em que ela é parte constitutiva de um enunciado em um texto<sup>2</sup>.

A partir da posição da Semântica do Acontecimento, procuraremos identificar o que a palavra *poesia* designa nos textos: “Argumentação e ‘Topoi’ Argumentativo” (Ducrot, 1989) e “Polifonia y Argumentacion” (Ducrot, 1990). Iremos utilizar o conceito de designação estabelecido por Guimarães (2002): “designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. É neste sentido que não vou tomar o nome como uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. Vou considerar, tal

---

<sup>2</sup> Tomamos aqui o conceito de texto de um modo diferente do utilizado por Ducrot.

como considera Rancière (1992), que “os nomes identificam objetos” (p.9). Tal definição distingue a designação da referência que, para Guimarães, “será vista como a particularização de algo na e pela enunciação” (*idem*). Deste modo, para se dizer o que um nome designa, é necessário observar com quais outras palavras ele se relaciona, o que, para Guimarães, constitui o que ele chama de Domínio Semântico de Determinação (DSD).

Como procedimento de análise, consideraremos dois procedimentos: a reescritura e a articulação. Para Guimarães, a “reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (2004, p.17). Este procedimento nos dá a possibilidade de verificar, pelos mais variados procedimentos, como uma expressão se reporta a outra, dentro de um texto. Quanto à articulação, Guimarães nos diz: “procedimentos de articulação dizem respeito às relações próprias das contigüidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” (2004, p.18).

Através destes procedimentos, pretendemos verificar o que significa a palavra *poesia* nos textos acima citados. Escolhemos estes dois textos para a nossa análise por serem de um momento importante, para os nossos estudos, de seu pensamento, em que a poesia é apresentada em um lugar diferente da argumentação. Por conta disso, notamos que em outros textos Ducrot não produz reflexões sobre a relação da poesia com a língua, o que deixa estes textos à margem de nossa reflexão, ou seja, estes textos não trazem algo de relevante para esta discussão que propomos aqui. Deste modo, a análise dos textos escolhidos se mostra decisiva para se pensar o lugar específico que a poesia ocupa na teoria ducrotiana.

Como início de nossa análise, apresentaremos alguns recortes em que aparece a palavra *poesia* e nos quais incidirá a nossa análise.

No texto de Ducrot (1989), não encontramos a ocorrência da palavra *poesia*, mas encontramos a ocorrência da palavra *poético*, que, conforme veremos a seguir, apresenta-se como uma reescritura da palavra *poesia*. Assim, esta palavra aparece no seguinte recorte: “*o que é um outro aspecto da banalidade, do caráter fundamentalmente anti-poético da argumentação*” (p.25).

Quanto ao procedimento de reescritura, neste recorte que fizemos do texto, não observamos nenhuma ocorrência. Mas, com relação ao procedimento de articulação, notamos que a palavra *poético* aparece diretamente determinada pelo prefixo *anti*, produzindo uma locução nominal que, nesta expressão referencial, predica a argumentação de uma forma contrária ao poético. Ou seja, através da articulação desta palavra com as outras nesta expressão, observamos que a argumentação se marca com uma característica anti-poética. Levando em conta a predicação de anti-poético para a argumentação, podemos apresentar o DSD de poético e argumentação da seguinte forma:

Poético
Argumentação

Obs.: ler a linha como oposição

Através desta análise, chegamos, percorrendo um caminho diferente, ao ponto inicial de nossa pesquisa, que é a poesia ser posta em um lugar diferente da argumentação. Mas, para completar a nossa análise, passamos a verificar a ocorrência da palavra *poesia* no outro texto (Ducrot, 1990) que selecionamos para a nossa pesquisa. Apresentamos a seguir os trechos onde há ocorrência desta palavra:

“Mi segunda observación tiene que ver con la relación entre argumentación y poesía. La argumentación tal como la describo es totalmente contraria a la poesía o, en otros términos, para mí la poesía es un esfuerzo por expresar puntos de vista personales presentados como personales; por lo tanto el poeta en mi opinión busca expresar sentimientos con la pretensión de presentarlos como únicamente suyos. Esta ambición del poeta se opone a la ambición del argumentador que, por el contrario, busca hacer aparecer lo que dice como si fuera la reproducción de una creencia general. Esto no significa que un poema no pueda ser también argumentativo, en un poema puede haber pasajes argumentativos y aun más, en la poesía del siglo XIX tenemos ejemplos de poemas contruidos como una argumentación” (p. 103 e 104).

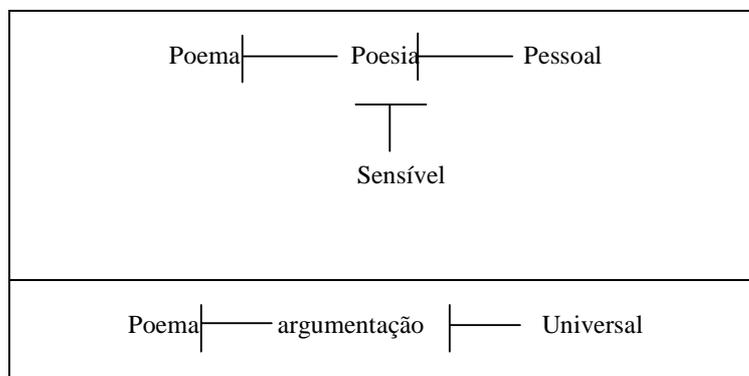
“Lo que quiero decir es que la poeticidad de esos poemas, su carácter poético, es totalmente contrario a la argumentación. De cierta manera esos poemas son argumentativos y poéticos al mismo tiempo, pero su poeticidad y su argumentatividad son dos aspectos separados” (p.104).

“En mi concepción personal de la poesía, esta tiende a hacer sensible el carácter único de las cosas de las que se habla y es una ambición completamente opuesta a la de la argumentación” (p.104).<sup>3</sup>

Observamos que, nas ocorrências da palavra *poesia* neste texto, ela está sempre em uma expressão referencial, sendo determinada pelo artigo definido *a*, ou, dito de outra forma, ela aparece sempre em um sintagma nominal, mostrando que, para Ducrot, a poesia possui uma característica de ser única. Mas, além disto, acreditamos que a poesia aparece como uma característica de certos textos. Então, passamos a verificar quais as articulações que as reescrituras de poesia possuem. Neste texto, ela aparece reescriturada pelas palavras *poeticidade* e por *caráter poético*. E, em todas as ocorrências, essas reescrituras predicam a palavra *poema*, ou seja, a poesia aparece como uma característica de certos poemas. E algo que nos chama a atenção neste ponto é que, nas articulações da palavra *poema*, ela também aparece determinada por argumentação. Ou seja, podemos dizer que o poema é, na terminologia ducrotiana, um discurso em que existem certas características, dentre elas a poeticidade e a argumentatividade. Deste modo, observamos que o poema está posto no discurso. Uma outra observação que fazemos nesta análise é que a poesia é determinada por ponto de vista pessoal apresentado como pessoal, ou seja, a poesia é algo pessoal, enquanto a argumentação é tida como uma crença geral, ou, em outros termos, como algo universal. Além disso, temos ainda uma articulação da palavra *poesia* com a palavra *sensível*, em que esta, de certo modo, determina *poesia*. Assim, podemos pensar na possibilidade de que, além de ser um ponto de vista pessoal apresentado como pessoal, este ponto de vista possui a característica de ser sensível. Deste modo, podemos apresentar o DSD da palavra *poesia* da seguinte forma:

---

<sup>3</sup> Retiramos os trechos do texto original, em espanhol, mas, para a nossa análise, utilizaremos as palavras traduzidas para o português.



Obs.: ler a linha como oposição, e o símbolo —| como *determina*.

Este DSD corrobora a análise que fizemos de outro texto (Ducrot, 1989), pelo fato de ambos colocarem a poesia em oposição à argumentação. O que percebemos de maior relevância para a nossa pesquisa é que a palavra poesia é determinada por pessoal, enquanto que a palavra argumentação é determinada por universal. Esta observação, de certa forma, ajuda a mostrar que estas duas palavras estão em oposição, devido aos pontos de vista contraditórios, pessoal e universal, que apresentam. Uma outra observação importante que fizemos é que ambas as palavras determinam poema. Isto demonstra que as duas palavras são características de um discurso, o que, de certa forma, explica o fato de que o modelo ducrotiano de análise argumentativa é utilizável de maneira igual em qualquer tipo de enunciado. Assim podemos dizer que há dois funcionamentos textuais: o argumentativo e o poético. Por outro lado, enquanto tipo, podemos distinguir poema de não-poema. Mas esta distinção de tipo de texto (discurso) não se sobrepõe ao funcionamento poético e argumentativo. Mas esta observação nos traz um outro problema que se mostra fundamental para a nossa pesquisa: que motivo leva Ducrot a situar a argumentação na língua e a poesia em um outro lugar? A esta questão procuraremos responder verificando a relação entre a língua e a enunciação e o modo como o discurso se situa frente a esta relação.

### 3. LÍNGUA, ENUNCIÇÃO E DISCURSO

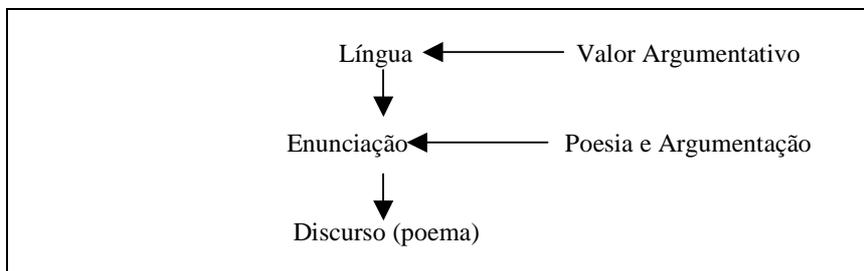
Pela análise acima, observamos que, para Ducrot, a argumentação está na língua e o poema é um tipo de discurso. Qual o lugar da poesia, já que ela se opõe à argumentação e está, tanto quanto esta, no poema? O que pretendemos fazer, neste momento, é discutir a possibilidade de que a poesia, na teoria ducrotiana, encontra-se na enunciação, no acontecimento histórico do aparecimento de um enunciado.

A língua, como conceito ducrotiano, é uma estrutura e possibilita aos falantes todo um jogo de caráter social, em que cada falante ocupa um lugar bem definido e

caracteriza a posição que o seu interlocutor deve assumir (não é assimilada a um código). Ela é colocada ao domínio do abstrato, sendo constituída pelas frases pertencentes a esta língua. Deste modo, ao colocar a argumentação na língua, Ducrot estabelece que as próprias palavras possuem um valor argumentativo, ou seja, as palavras empregadas em um determinado enunciado indicam qual a continuidade que este enunciado pode ter. Por outro lado, ao dizer que a argumentação possui um caráter anti-poético, Ducrot coloca, de certa forma, que as palavras não possuem um valor poético, ou seja, não existem palavras que, por si só, caracterizam um discurso como poético. Assim, poderíamos pensar que a poesia se estabelece no discurso. Mas, como já vimos através da análise da palavra poesia, o que se estabelece no discurso é o poema, que pode possuir características tanto poéticas como argumentativas. Ou seja, podemos encontrar a poesia no discurso, mas de um modo não conflituoso com a argumentação o que, de certo modo, não caracteriza o discurso como um lugar específico da poesia.

Pelo que apresentamos no parágrafo anterior, percebemos que a poesia não se encontra na língua, mas podemos encontrá-la no discurso, juntamente com a argumentação. Ou seja, o poema, que é um tipo de discurso, pode ser tanto argumentação como poesia. Mas, mesmo a poesia estando presente no discurso, ainda fica a questão sobre qual é o lugar específico da poesia, pois, conforme já dissemos, ela está em um outro lugar que difere da argumentação. Deste modo, levantamos a hipótese de que a poesia está na enunciação. Para verificarmos esta hipótese, faz-se necessário observar o modo como a enunciação relaciona-se com a língua e o lugar do discurso nesta relação. Para Ducrot, a enunciação é o acontecimento histórico do aparecimento do enunciado, ou seja, é o momento específico em que as frases de uma língua são transformadas em enunciados ou, dito de outro modo, é o momento em que a língua é posta em funcionamento. E estes enunciados é que formam o discurso, que é, para Ducrot, o lugar do poema. Ou seja, o discurso é produzido pela enunciação, o que nos leva a perceber que, da mesma forma que o enunciado representa sua enunciação, o discurso também a representa.

Assim, podemos pensar que, para Ducrot, o discurso pode ter as duas características porque traz a língua, que possui valor argumentativo, e também representa a sua enunciação, que é o lugar específico em que se dá a argumentação e, além disso, também é o lugar, segundo a nossa hipótese, que traz elementos poéticos para o discurso. Segundo essa nossa leitura da teoria lingüística de O. Ducrot, podemos representar a formação do discurso (poema) no seguinte quadro:



Através desse esquema, também podemos verificar o motivo que leva Ducrot, de certo modo, a colocar que não existem palavras que, por si só, são poéticas, isto é, na língua não há algo que poderíamos chamar de “valor poético”, da mesma forma que possuem um valor argumentativo. Ao deixar a enunciação como o lugar do poético, ele caracteriza a poesia como sendo o modo que as palavras se transformam em um discurso, ou seja, as palavras podem, na enunciação, receber uma certa poeticidade que será vista no discurso.

Por outro lado, para Ducrot, segundo a teoria da polifonia, cada enunciado possui um locutor e várias vozes em seu interior, que são os enunciadores. Estes enunciadores apresentam diferentes pontos de vista, os quais somente podemos observar no discurso, mas que também é formado na enunciação. Como demonstramos mais acima, a enunciação também é o lugar em que se forma a poesia, pensamos existir uma relação estreita entre a poesia e os enunciadores. Deste modo, lembrando que Ducrot considera a poesia como a pretensão de um poeta em apresentar um sentimento como unicamente seu, podemos pensar na hipótese de que a poesia é o ponto de vista de um dos enunciadores presentes no enunciado, ou seja, o ponto de vista poético é apresentado no discurso por um enunciador e se forma na enunciação, constituindo assim uma relação enunciativa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, observamos que, para Ducrot, a poesia está fora da língua, enquanto que esta se caracteriza por possuir um valor argumentativo, ou seja, a argumentação está marcada na estrutura da língua. Mas, por outro lado, a poesia e a argumentação se dão na enunciação, o que possibilita a um poema (caracterizado como um discurso) ser argumentativo e poético.

Desta forma, ao apresentar a poesia de um modo distinto da argumentação, mesmo afirmando que ambas se dão na enunciação, Ducrot faz um gesto de caracterização muito particular, ressaltando a diferença da argumentação, que possui um caráter mais geral, e a poesia, que possui um caráter mais pessoal. Assim, podemos pensar que, para Ducrot, a poesia aparece para melhor caracterizar o aspecto de que a língua possui valor argumentativo.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANSCOMBRE, J.-C. e DUCROT, O. (1976). *La Argumentación en la Lengua*. Madri: Editorial Gredos, 1994.
- \_\_\_\_\_. (1981). “Interrogation et Argumentation”, *Langue Française*, 52.
- \_\_\_\_\_. (1967). “Les Problème de la Négation dans Diverses Grammaires Françaises”. In: *Langages*, 7. (em colaboração com B. Barnicaud, A. M. Comparé, A. Vodac).
- \_\_\_\_\_. (1968). “De um mau uso da Lógica”. In: *Da Teoria Lingüística ao Ensino da Língua*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- DUCROT, O. e TODOROV, T. (1972). *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DUCROT, O. e VOGT, C. (1978). “De *magis* a mas: uma hipótese semântica”. In: *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo: Hucitec.

DUCROT, O. (1968). *Estruturalismo e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. (1972a). “De Saussure à la philosophie du langage”. Prefácio à tradução francesa de *Speech Actes (Les Actes de Langage)*, de SEARLE, Paris: Hermann.

\_\_\_\_\_. (1972b). *Princípios de Semântica Lingüística (dizer e não dizer)*. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. (1973). *Provar e Dizer*. São Paulo: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. (1984a). “Enunciação”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.2.

\_\_\_\_\_. (1984b). “Pressuposição e Alusão”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.2.

\_\_\_\_\_. (1984c). “Referente”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.2.

\_\_\_\_\_. (1984d). “Actos Lingüísticos”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.2.

\_\_\_\_\_. (1984e). “Dizível/Indizível”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.2.

\_\_\_\_\_. (1984f). *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. (1988). “Topoi e Formas Tópicas”. In: *Relações entre Pragmática e Enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002.

\_\_\_\_\_. (1989). “Argumentação e ‘Topoi’ Argumentativos”. In: *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (1990). *Polifonia y Argumentacion*. Colombia: Feriva.

\_\_\_\_\_. (1999). “Os Topoi na ‘Teoria da Argumentação na Língua’”. In: *Revista Brasileira de Letras*, vol. 1, n.º 1.

GUIMARÃES, E. (2002). *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes.

\_\_\_\_\_. (2004). *História da Semântica – Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*. Campinas: Pontes.